

FLÁVIO DAIA CANHANGA

Mr. hunter

Mr. hunter

*Felizes Para
Sempre Morrendo*

AUTOR DO CONTO ÉPICO A MUDANÇA



FELIZES PARA
SEMPRE
MORRENDO

Mr. hunter

Ficha técnica

Título: Felizes para sempre morrendo

Autor: Flávio Dala Canhanga (ka-hunter)

Edição: Independente

2ª Edição, Dezembro de 2022

Creditos a imagem: Pinterest

Endereços electrónicos do autor:



992 133 181 - 934 964 024



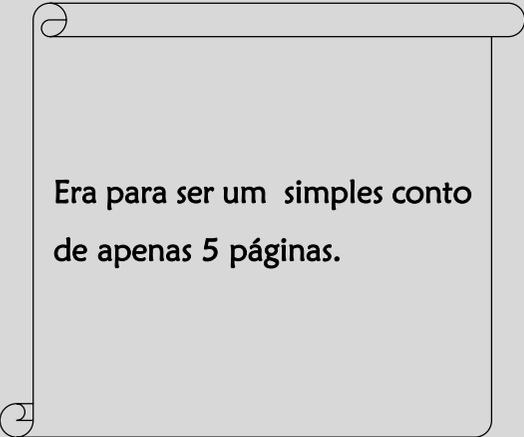
934 964 024



Flávio Hunter Spark Dala



flaviodalacanhanga50@gmail.com

A rectangular frame with rounded corners and a scroll-like top edge, containing text. The frame is positioned in the lower right quadrant of the page.

**Era para ser um simples conto
de apenas 5 páginas.**

“É um livro de conto com uma dimensão ampla focando em diversas áreas (...). “

— **Manuel Gerónimo**

“Gostei, além de estar perfeita é um apredizado (...).”

— **Ruth Morais Ginga**

“Nunca uma obra fez tanto sentido assim na minha vida. (...).”

— **Anderson Pena Jorge**

CONTEÚDO

SINOPSE

Capítulo 1 - A ilha

Capítulo 2 - Verdade e realidade num livro

Capítulo 3 - Dois sorrisos para um coelhinho

Capítulo 4 - Mil questões e mil erros

Capítulo 5 - Confissões para a vida seguida de desmaio

Capítulo 6 - Ela está estavel

Capítulo 7 - Hora de voltar para casa

Capítulo 8 - Uma aula 3 ligações

Capítulo 9 - A herdeira

Capítulo 10 - Doando os olhos para reacender o fogo

Capítulo 11 - Não adianta doar para reacender o fogo

Capítulo 12 - Fecha-se os olhos e apaga-se o fogo

Capítulo 13 - Fim da narração, fim da novela

SINOPSE

É desejo de muitos, se não todos, amar quem quiser, conversar como e até quando puder com quem sempre quis. A cima de tudo, é desejo viver até quando quiser e como quiser com quem você de verdade ama e sempre quis viver.

O pequeno conto, conta a protagonização de um casal que pela cumplicidade estão ligados nos mais ínfimos detalhes. Porém, por meio de uma herança genética deixada para um deles, acabam num cenário triste, mas com um final feliz.

Além de uma estória autentica e de escrita acessível, o autor como sempre dá uma pitada de aprendizado, o que pode culminar com uma maior envolvência dos leitores na trama.

Capítulo 1

A ilha

Certo dia, quase perfeito como todos os outros, conversava com aquela que despertava o melhor que havia em mim, a Lume. De altura média, 23 anos, moça meiga de pele morena, daquelas com um tom perfeito na melanina. Formada por uma estrutura sensual e curvatória, e sempre encabeçada com trançados, que os usava por que segundo ela, era um sinal de lembrança pelos nossos antepassados africanos que usavam como mapas e simbologia de uma autentica cultura. Então, para ela, usar as tranças possuía um valor inimaginável.

Nós íamos conversando, trocando impressões de regalos, ataques de insultos, nervosismos e mensagens picantes. Detalhes que marcavam as nossas conversas, uma espécie de essência, que marcava o nosso amor. E isso para a gente, era dos mais belos e pela frequência ninguém aceitaria fazer uma troca, pois sairíamos os dois perdendo. Porém, perder-nos, não estava entre as nossas conversas.

O relógio visto pelo celular, marcava 1h e 47 minutos, já eram um pouco acima da meia-noite. Mas era só mais um tempo para nós. Pois, tal como Einstein olhava o tempo, para nós também era relativo. Mas confesso que era

cansativo tentar ser sempre relativo quanto ao tempo, ainda mais quando tínhamos que levantar muito cedo para ir ao trabalho. A gente conversava tanto que parecia que junto a gente já vivia, quando, na verdade, a gente raramente se via.

Depois de tanta conversa, o tempo avançara para 2h e 13 minutos. Aí ela disse que já estava cansada de sono, pela mania eu disse logo “Ainda agora, sua fraquinha!” Era irónico a fala quando a gente já conversava por mais de duas horas pelo WhatsApp. Aí ela respondeu sorrindo, — seu boelo, o tempo as vezes não é relativo para todo mundo. Como para o meu chefe. — Aquela miúda sabia como tirar-me do conforto com aquele seu jeito meigo, tímido e amoroso.

Em ínfimas partículas de tempo, instalou-se o silêncio entre a gente. Aí, ela retoma a palavra perguntando o que devia ser inquestionável — E se acabasse agora? — se acabasse o quê? — Retomei a palavra intrigado. — Aí ela continuou — se o mundo desistisse, o universo se sucumbisse a algo inesperado, as pessoas desaparecessem e não existisse mais vida no universo?

Ainda intrigado com a questão dela, tentei filosofar para embelezar o cenário e trazê-lo a nosso favor. — Se o mundo desistisse da sua vida, eu convocaria os melhores cientistas das emoções e da existência, escreveria com todos os literatos as mais belas frases e textos de motivação para o mundo. Ao sucumbir o universo, eu invocaria a lei de conservação de massa e o próprio universo transformar-se-ia nas melhores das proezas. Por fim, se as pessoas... — Neste instante, ouvi um som vindo da conjuntura de músculos intercostais, diafragma e caixa torácica. Dei um sorriso, a seguir disse — até que em fim dormiu. Que respiração mais suave! — A seguir desliguei e deixei uma mensagem desejando bom descanso, que acordasse bem e confessei mais uma vez que a amava. Depois daquele episódio acabei dormindo também.

Capítulo 2

A verdade e a realidade num livro

O alarme já tocava e o tempo marcado era 5h e 20 minutos. Realizei algumas flexões, li breves páginas do livro de Flávio Dala Canhanga intitulado Uma Tentativa de Escritos Prosaicos, fiz uma ligeira paregem no texto número 10 na página 23. O texto merecia reflexão! O autor, como sempre brincando com as palavras, mostrou o quanto se doaria ou sacrificaria pela sua amada, mas que infelizmente algo mais forte estava entre eles, a dureza da verdade e a crueldade da realidade. Aspetos que transcendem as capacidades de todo mundo. Parei por aí, pois o texto merecia uma reflexão maior.

Quando tocou 5h e 50 minutos, mandei a mensagem para minha amada, perguntando como ela acordou e se o seu toque de beleza havia obedecido à lei de conservação de energia ou de massa. Eram piadas muito usadas pela gente.

Estava de pé na paragem enquanto esperava com os demais passageiros, de forma a começar mais uma viagem. O objetivo era chegar até o local de trabalho. Sou professor de sociologia numa escola conceituada nos arredores da cidade de Luanda. Formei-me em sociopedagogia há 2 anos.

Apesar de ter pouco tempo de licenciatura, dominava bastante a ciência, o que conseqüentemente, permitia ter uma visão social além do facilmente observável. Eu compreendia os grupos e suas dinâmicas, as instituições e suas funções, a combinação das relações e como elas respondiam as mudanças e necessidades ou demandas em mudança. Enfim, eu poderia perceber isso através da essência geralmente contida nas origens dos ajuntamentos sociais. Mas a percepção, não era para qualquer ser. Poucos conhecem e outros nem reconhecem, mas a sociologia é uma das ciências mais importantes para a percepção da vida social, e não só.

A minha criptonita era estudante de engenharia informática e trabalhava como atendente de um restaurante, daqueles que o preço de uma chávena de café é superior a um refrigerante e um simples prato de comida custava duas ou três refeições diárias num restaurante das periferias. Eu dizia ser chique o local e era para gente da elite ou aqueles próximos a ela. Mas ela dizia ser um exagero da minha parte, que era um simples local como qualquer um. Na verdade, ela gostava da modéstia, até aplicava em

detalhes aparentemente orgulhosos, tudo para ser mais fácil observar e lidar.

Miúda cheia de qualidades, por isso é com ela que eu queria casar e a vida toda passar. Pareço estar a exagerar, mas não. A verdade, é que o óbvio também precisa ser dito e não o encurralar.

E o que acontecia, é que eu era fã dela e nem uma outra flor transmitiria feromônios para delimitar a minha trilha.

Capítulo 3

Dois sorrisos para um coelhinho

Cheguei no local de serviço, estava vestido de forma simples. Um tênis branco da marca Lacoste, uma calça azul-marinho que da linha da cintura até ao calcanhar estava trajada por (dois) vincos nos lados de frente e atrás, finalizadas com uma bainha francesa e uma linda camisa branca cuja marca era subentendida. Combinavam bastante com o meu tom de pele escuro, embora eu gostasse de ser visto como moreno.

Ao caminhar até ao aposento dos professores, percebi que alguém estava sentado nas cadeiras do corredor, de cabeça baixa em sinal de desconforto e como se estivesse a esconder uma ferida. Observei-a, logo afirmei no meio íntimo “Que coisa mais triste da vida.” Aproximei até a menina, carinhosamente disse um “Olá...”, mas como esperado ela não respondeu. Tentei outra abordagem, questionando sobre o que havia acontecido. Ela ergueu a cabeça mostrou o seu rosto mutilado de tristeza e marcado por um sentimento que necessitava de um amparo, uma rocha ou qualquer coisa que lhe defendesse ou, uma ilha que no final fosse uma fortaleza.

Olhando-a, consegui identificá-la. Era a Célia, uma aluna da 8.^a classe de 13 anos, de pele clara, olhos acastanhados, trançados encaracolados e com o seu cabelo natural, ela vestia o seu uniforme amarelo e castanho. Fomos conversando numa calma e com perguntas simples e amigáveis, ela sentiu-se bastante confortável para contar o que havia acontecido.

Ela contou-me que as colegas disseram que ela era pobre e que em casa passavam fome. Ainda mais, que ninguém queria ser amiga dela, por que ela não merecia. Já podem imaginar como é ser diferente num meio em que todo mundo parece ser igual. A Célia vivia com o seu irmão de 11 anos, sua tia e a sua avó em casa do seu pai que por trabalhar como empresário, infelizmente era muito ocupado. Talvez fosse um desses casos de pais que dão tudo de material e acham ser o necessário para o filho, mas erram no que realmente importa para um filho, a atenção e o calor paternal.

Após ouvi-la, dei um guardanapo para limpar o seu rosto e naturalmente compadeci-me com a sua dor. Seguidamente, disse-a que entendia, pois que era realmente

difícil ser diferente em relação as outras pessoas. Mas seguidamente, questionei-a, se as amigas diziam a verdade e se ela gostaria que todas as suas amigas fossem igualzinhas a ela. Imediatamente ela disse — Claro que não! Que graça teria a amizade? — Ela percebeu rapidamente que não perdia por ser diferente, pelo contrário, elas é que perdiam, pois que da diferença fazia-se o mundo. Para finalizar o episódio, incentivei-a a continuar sendo diferente, ela sorriu e agradeceu pelo meu gesto, seguiu então para a sala de aula.

Melhorou ainda mais o meu dia, quando o telefone deu um sinal de notificação. Era uma mensagem da minha amada dizendo que dormiu bem e que já estava no trabalho. Pelo WhatsApp, mandou uma foto sorrindo, naquele instante considerei-me o cara mais sortudo nas primeiras horas do dia, eram dois sorrisos enormes que recebi naquele dia. Era como se nada mais me abalasse.

Capítulo 4

Mil questões e mil erros

O dia passava e já se ia o sol para lá na sua aposentadoria. Como o trajecto de casa era longo, aproveitei dar um final ao livro do Flávio Dala Canhanga. As próximas 13 paginas que restavam eram repletas de sentimentos diversos, pois cada texto tinha o seu próprio toque, desde amor, empatia, valorização pessoal, social e cultural. Havia nele um texto específico que me lembrou a minha amada, intitulado *A Autenticidade Negra*. Texto do autor com a Ruth Morais Ginga, que passa uma percepção sobre autovalorização pessoal e cultural da mulher africana e o seu ponderadamente. Terminei de ler o livro, bem a tempo de ouvir uma boa música e observar o social através da janela do táxi.

Cheguei em casa por volta das 18 horas, além de descansar, eu tinha um monte de pesquisas para analisar. Para mim, era como hobbie analisar algumas pesquisas científicas e artigos académicos, fazia sentir-me ainda um estudante, apesar de que só paramos de estudar quando morremos. Mas o que realmente eu queria concretizar após chegar a casa, era esperar a hora que nunca era marcada no relógio, a hora “H”.

Marcavam 23h e 50 minutos, quando ouvi o telefone a tocar pelo WhatsApp a música de Luan Santana, com o título *Ilha*. Era a Lume, a minha benção. Imediatamente atendi. A gente ia conversando, sobre tudo que se passara no nosso dia. Ela disse que, infelizmente, sentiu-se mal durante o dia, parecia que a cabeça explodiria de tanta dor durante o dia. Entristecido, perguntei-lhe se não era problema de visão, ela disse que realmente também achava isso, mas já estava melhor naquele instante. Senti-me um pouco aliviado, mas ainda assim preocupado.

Contei-lhe sobre a Célia, uma menina que ela já conhecia em função das nossas conversas. Ainda mais, contei-lhe sobre o livro de Flávio Dala Canhanga, e o quão interessante e interativo eram os seus textos. Imediatamente, ela afirmou conhecer o escritor, pois que já havia lido o seu primeiro livro intitulado *A Mudança - um conto épico*. Segundo ela, era um livro de ler e chorar por mais, porém estava chateada com o escritor por não ter ainda um segundo volume pronto.

Eu nunca havia lido aquele livro, mas acredito que se o primeiro lido agradou-me, o segundo com certeza seria

melhor. Então combinamos trocar os livros e assim que pudéssemos conversaríamos sobre eles.

A meia-noite a conversa ia caminhando, quando infelizmente a Lume disse sentir novamente as dores de cabeça e precisava descansar. Deixou-me bastante abalado, era a primeira vez que estava assim. Ela foi descansar, mas na cama eu mal conseguia aconchegar-me, a preocupação consumia-me. Queria ligar para saber se estava bem, queria estar ao lado dela para a observar, mas infelizmente a realidade transcendia as minhas capacidades.

Assim que amanheceu, liguei-lhe imediatamente. Mas infelizmente ela não atendia. Liguei umas 7 vezes, mas nada. Mil questões já me envolviam, e ainda assim nenhuma resposta satisfatória vinha. Como não era dia de trabalho para mim, eu estava pronto a ir até à casa dela, quando o telefone tocou. Era ela, ufa!

Questionei o que aconteceu, ela disse que estava bem, como havia saído muito cedo para o serviço, por acaso esqueceu o telefone em casa, mas teve que voltar para pegá-lo. Pediu mil e uma desculpas por ter-me preocupado, mas caso eu tivesse feito mil questões, todas as tentativas de

respostas estavam provavelmente erradas. Questionei sorrindo, sobre como ela sabia que fiz esse número de questões, ela respondeu que me conhecia, e não era atoa que era a minha miúda, a minha criptonita. Eu quase chorei, mas manti a postura, afinal de contas romantismo também é para mulheres.

Capítulo 5

Confissões para a vida seguida de desmaio

Como era hora do seu descanso no serviço, ligou-me com uma questão sua que, no fundo, já me preocupava. Ela vinha dizendo,

— Se eu cometesse um crime, culparias as estrelas por mim?

— Claro! Culparia as estrelas, se possível a via láctea inteira. — respondi romantizando.

Ela prosseguiu — E o que farias se enquanto te amasse te maguasse?

— Possivelmente a gente se autodestruiria, estamos conectados e somos um só, sua tola. — Respondi eu insultando

— Dá para ser mais sério, seu idiota! — Retrucou também ela. — Está bem, vou ser minha homóloga.

— Bem, se no final de tudo, eu morresse para que vivesses, como e com quem ficarias?

— ficaria sozinho, e para sempre... — respondi para ela. Porém, havia se instalado um silêncio entre a gente.

Ela retomou a palavra, porém com um timbre diferente dizendo, *Me desculpa...* Denotava uma tristeza enorme nas suas curtas palavras. Mas retomei a fala — *Me desculpa você, por que eu morreria mesmo antes de você morrer por mim. Eu não suportaria estar em vida enquanto tu suportarias as minhas feridas. Então, preferia ficar afastado da existência, sozinho e para sempre sabendo que te deixei feliz do que viver uma vida sozinha, sem saber como você se sentiu. Desculpe-me, tu estás muito antes de mim. Nada dar-me-ia mais prazer do que doar-me a si.*

Ela gemia, talvez por que tentava aguentar o choro, provavelmente de emoção proporcionada pela minha fala. Eu tentava consolar ela e desculpar-me por fazer ela chorar. Mas alguns segundos depois havia se instalado o silêncio dos grandes e sem dimensão descrita. Ela não respondia, mas o telefone ainda estava ligado. Apesar de que se ouvia mal, parecia haver muita movimentação no local. Até que alguém pega o telefone e diz que à Lume havia passado mal e estava a caminho do hospital.

Capítulo 6

Ela está estavel

Imediatamente saí de casa e fui para o hospital, lá encontrei a mãe e a irmã mais nova, ela infelizmente já era órfã de pai desde os seus 10 anos, quando perderam ele aos 26 anos vitimado por um Craniofaringioma, um tipo de tumor que se desenvolve na base do cérebro. Costuma ser diagnosticado com mais frequência em crianças, adolescentes e jovens. Eles não têm tendência a se espalhar, mas, como estão próximos a estruturas importantes, podem causar sérios problemas à medida que crescem. Assim, distúrbios endócrinos e hormonais, associados a déficits visuais são os sintomas mais comuns.

Estávamos todos aguardando na ânsia e na preocupação para saber sobre o estado dela. Levantei, sentei, levantei novamente, girei pela sala de espera, até a mãe da Lume dizer que estar nervoso naquele momento só chamaria espíritos ruins. Aí eu sentei. Mas após ter passado muito tempo, vinha o médico, dizendo que a boa notícia é que ela estava bem, só precisava descansar um pouco. Mas a má notícia, fruto de exames preliminares, porém haviam ainda outras preocupações por parte do médico, então

devia se fazer exames mais consistentes numa clínica especializada.

Preocupados estávamos a espera da má notícia, e o médico informou que ela tinha uma inflamação na parte interna da cabeça, que provavelmente seria um tumor. Mas reforçou que efetuássemos exames consistentes.

Imediatamente a mãe colocou-se aos choros, ela sabia de uma realidade anterior vinda da experiência do seu falecido e querido esposo. A filha tentou consolá-la dizendo —“Mamã”, tenha calma e mais fé. E os espíritos ruins de que estás sempre a dizer? —A menina tentava usar a crença da mãe para acalmá-la, mas não era suficiente, a verdade doía e era mais real. Tanto que ela prosseguiu dizendo, —minha cassula, infelizmente, a fé já não ajuda. E os espíritos ruins já tomaram conta da sua irmã.

As palavras da senhora realmente manifestavam pouca fé, mas dava para entendê-la, pois entre nós, ninguém além dela passou por aquela experiência. Depois da saída do médico, procurei consolar as duas, principalmente a mãe.

Capítulo 7

Hora de voltar para casa

Algumas horas depois, a Lume recebeu alta médica e acompanhei-as até a casa. Chegamos em casa e 20h era a hora que o relógio marcava. Depois do jantar, decidimos ir até à varanda e pegar um pouco de ar, pois a natureza para a saúde faz falta.

Acomodados na mesma cadeira na varanda, uma daquelas de descanso que um bom tempo lá sentado pode proporcionar um bom relaxo. Eu sentado e ela apoiada com a sua cabeça no meu colo, juro que sentia os seus trançados atormentando o meu corpo. Ela vestia uma blusa rosa, um pequeno calção preto e uma pantufa de lã decorada com um ursinho que piscava o olho com um sorriso estampado no seu rosto.

A noite passava enquanto a gente conversava. Observávamos a beleza do céu noturno e como muda ao longo de cada noite. As estrelas sobre aquele céu descreviam um caminho circular no céu, de Leste para Oeste, e pareciam se mover todas juntas, de maneira ordenada. Aí, comentávamos sobre como as estrelas se alinhavam e como sabiam onde estariam a cada noite lá nos céus. Minutos depois, ela bocejava, apesar de tentar disfarçar, eu sabia que

ela precisava tirar uma sonegada. Disse-lhe que já passava da hora, ela tinha que descansar e eu tinha o amanhã para trabalhar. Como esperado, ela reclamou, não queria que eu fosse, mesmo entendendo que a vida ia além do que a gente sentisse.

Despedi-me dela com um abraço longo, demorava tanto, pois parecia que não queria largar-me. Deixei-a a vontade, até que disse —*vai, que está a ficar tarde!*— Deilhe um beijo da testa e a seguir a isso, acenava para ela enquanto caminhava e afastava-me de sua presença.

Capítulo 8

Uma aula e 3 ligações

Era mais um dia de trabalho, faltavam pouco tempo para começar a aula, quando alguém foi ao meu encontro na sala dos professores, bateu a porta. Ao responder, percebi logo quem era, era a menina Célia e na suas mãos havia um prato de vidro branco com um bolo de cobertura azulada e branca, e no topo estava escrito “Obrigado”.

Agradei pelo bolo, e a seguir ela deu-me um abraço. Minutos depois eu já estava na sala de aula. A aula de sociologia naquele dia, tinha como temática a *Lei dos Três estados* de Augusto Comte. Dizíamos que, com base nas ideias positivistas, Comte criou e fundamentou as três Leis dos estados. O autor afirmava que as sociedades passariam por três estados de pensamento, com algumas características fortes e dominantes e que estas leis regeriam o modo de pensar da humanidade.

O primeiro estado era o teológico, em que os fenômenos sociais são explicados por ações divinas; o segundo era o estado metafísico, apresentado como o estado intermediário entre o pensamento teológico e o terceiro estado, marcado pelo pensamento positivista. Já no estado positivo ou científico, as explicações e pensamentos

são elaborados com base na razão. Neste estado, os acontecimentos dependem somente da ação racional e evolução mental da racionalidade humana.

A aula decorria, quando senti o meu telefone tocando pela segunda vez. Mas ainda assim não atendi, para mim só era emergência quando ligassem mais de duas vezes. — Mas, professor, qual seria a importância desta lei para a sociologia? — perguntou um aluno inquietado.

Segui com a resposta, explicando que a partir do desenvolvimento da teoria dos três estados, Comte eleva a sociologia à categoria de evolução máxima entre as ciências, pois a considera a ciência do todo sobre os elementos, portanto, a mais evoluída porque tem como objeto o homem e as relações que este estabelece.

— E para a humanidade ou a sociedade, que importância teria? — desta vez era a jovem Lúcia perguntando. Quando tentava responder, o telefone tocou pela terceira vez. Imediatamente atendi!

— Estamos no hospital, precisas vir, a Lume passou novamente mal... — O mundo caíra sobre mim naquele

instante. Pedi desculpas aos alunos e saí imediatamente para o hospital.

Quando cheguei lá, encontrei a mãe e a irmã, que acabara de falar comigo pelo telefone. Preocupado, procurei saber o que aconteceu e como ela estava. Disseram-me que do nada sentia-se cansada e ao caminhar para o quarto acabou desmaiando. Como já estavam naquele hospital antes, então decidiram trazê-la imediatamente. Mas segundo os médicos ela precisava de repouso e aguardavam mais orientações deles.

Após tanto tempo de espera, o doutor apareceu, e informou que tínhamos que levá-la para uma clínica, de modo a termos uma maior atenção, caso o diagnóstico que ele havia feito estivessem certos.

Disponibilizei-me a levá-la a uma clínica para fazerem os exames necessários, a mãe agradeceu pelo gesto e aceitou. Mas enquanto estávamos esperando ela acordar, vimos um monte de enfermeiros correndo, parece que algo se passava no quarto da Lume, e pela maneira como estava o cenário não era nada bom... Já podem imaginar como a gente provavelmente ficou.

Capítulo 9

A herdeira

Após uns 20 minutos apareceu o doutor, disse que por alguma razão o seu estado era desestabilizado e inconstante, ou seja, a qualquer momento ela poderia piorar. Então aconselhou que levássemos o quanto antes para uma clínica. Indicou-nos a Clínica Juliana, uma clínica localizada no centro da cidade e era especializada em tratar doentes com cancro ou tumor. Porém, segundo o doutor, apesar de que garanta uma oportunidade de vida da moça, eles possuíam preços muito alto.

No momento não importou quão caro seria o tratamento, muito menos onde arranjaríamos o dinheiro para o tal pagamento. Mas ainda assim, estávamos decididos a ir para lá. Doutor, quando é que podemos levá-la? —Agora mesmo! —Respondeu o doutor. Imediatamente levamos ela para a clínica Juliana, deu entrada e estava sob análise médica. O doutor tinha razão, naquela clínica trabalhavam com bastante eficiência, então, tínhamos alguma esperança.

Em menos de uma hora, vinha dois especialistas ao nosso encontro. Cordialmente saudaram-nos. Prosseguiram dizendo. — Sentimos bastante pelo que passam, e pelo que

que possivelmente poderão passar. A mãe disse imediatamente, “eu sabia!”. Os médicos retomaram a fala, — precisa-se manter a calma e a positividade num momento como este. Realizamos os diagnósticos, realmente os resultados preliminares estavam certos... ela tem um tumor. — Que tipo de tumor? — Questionou a irmã. — um tipo de tumor que se desenvolve na base do cérebro. É o Craniofarin... — O médico mal terminou, a mãe embrulhada aos choros, gritou euforicamente, — Meu Deus, eu sabia!

Os médicos acalmaram-nos, dizendo haver uma boa notícia, não íamos perdê-la, tinham como arrancá-lo. Mas infelizmente como esse tipo de tumor causava distúrbios endócrinos e hormonais, associados a déficits visuais, ele já havia danificado o olho que estava mais próximo dele, o olho esquerdo. Em contrapartida, com o tempo haveriam possibilidades de ser danificado também o olho direito, deixando ela completamente cega.

Capítulo 10

Doando os olhos para reacender o fogo

Questionando como evitar isso, os especialistas recomendaram que poderia ser feito através de um transplante ocular. Questionei se era possível, eles disseram que aparentemente não, mas eles já tinham uma tecnologia desenvolvida pelos seus engenheiros e doutores, que possibilitava isso. Incrível!

Sem pensar, eu decidi dar os meus olhos para ela...

Mas a mãe disse que a filha é sua, então seria ela a fazer o sacrifício. Olhei pelo semblante da mãe, não queria desapontar as duas, então perguntei ao doutor se é possível implantar olhos de diferentes origens, ele disse que sim, não haveria problema. Então, tanto eu como a mãe da Lume, nos doaríamos com cada um dos olhos para quem amamos e não queríamos perder.

Mas teriam que remover primeiro o tumor, só depois realizariam o transplante. Em função da pressão que ela sofreria, só dava para colocar um dos olhos, o esquerdo. Mas o direito devia ser colocado duas ou três horas após a cirurgia. Então ofereci-me para ser o primeiro.

E sobre aquele todo instante, eu mal conseguia descrever-me, pois salvar a minha criptonita, era o meu maior e único prazer e prioridade naquele longo instante.

Mas antes os médicos questionaram sobre os custos, eu imediatamente fui conversar com eles num outro local e quando voltei já estava resolvido.

Entrei para a sala de cirurgia tal como conversei com os médicos, em parte, arrancaram-me os meus dois olhos. Isso mesmo! Eu não queria ver a mãe dela fazer aquilo, por isso tinha que ser o egoísta naquele momento. Como depois da extração dos dois a mãe dela já não necessitaria tirar o dela, então fi-lo.

Começaram a cirurgia para remoção do tumor, enquanto eu ainda estava inconsciente e ela também. Fez-se o devido corte, para a remoção do tumor e foi um sucesso, até os médicos perceberem outra anomalia... Havia mais um tumor, e este muito diferente do primeiro já extraído.

Capítulo 11

Não adianta doar para reacender o fogo

Assim que identificaram o tipo de tumor, pararam a cirurgia...

Foram ter com a mãe e a irmã. Que ainda desconheciam o meu estado. Os médicos estavam tão abalados e desnorteados, que não conseguiram conter o profissionalismo, e dando lugar ao humanismo, colocaram-se em lágrimas quando iam até à família para explicar a situação. Chegando lá, a família imediatamente pós-se também a chorar.

Após manterem todos uma ligeira calma, eles explicaram que infelizmente ao retirarem o tumor perceberam haver outro tumor, denominado tumor cerebral secundário, um tipo de tumor que não são constituídos de células do tecido cerebral propriamente, mas são provenientes de células metastáticas de algum cancro já existente no corpo e podem se alojar em qualquer parte do cérebro.

A vida sabe mesmo cair ou degenerar as pessoas. Além de dois tumores ela também tinha cancro... e nada mais poderiam efetuar para ajudá-la, incapacitados e impotentes, os seus lados humanos foram mais fortes, os

médicos sentiram-se arrasados, sentaram no chão da sala de espera e puseram-se em prantos sem fim.

Raramente observamos profissionais dessa área deixando-se levar ou serem arrasados pela incapacidade de realizarem o que passaram anos estudando e manifestarem publicamente com choros.

O que muitas vezes se pensa, é que eles não entendem a dor que sentimos e passamos. E quando dizem para ficarmos calmos, só estão fazendo o seu trabalho. Esqueçam isso! Eles sentem que a tamanha responsabilidade de curar o outro está em suas mãos, que a dor de todos que sofrem está em seus ombros. Sentem quando gritamos. Eles, sentem o nosso sufoco, desespero, medo e a necessidade de estarmos curados e continuarmos a viver. Afinal, também são humanos como nós e por suas experiências que desconhecemos ou por estarem em contacto direto com o problema, também podem senti-lo e mais de perto.

De alguma forma, eu recuperei logo a consciência e chamei inesperadamente a enfermeira. Pedi que me explicasse o motivo de tanto choro, e por fim ela contou-me o cenário todo. Engoli o meu choro e a minha dor, para

chorar por dentro e talvez quando tivesse tempo. Exigi que a enfermeira levasse-me para o quarto dela. Assim que cheguei no quarto, apesar de que não via nada por que estava vendado e sem os meus olhos, ouvi uma voz tremula e quase sem fôlego. Era ela...

Capítulo 12

Fecham-se os olhos e apaga-se o fogo

— Calma, não fala, estou aqui. Eu sempre estarei aqui.

— O que aconteceu contigo, amor? — Questionou com a sua voz fraca, que quase nem se ouvia nada.

— Calma, linda. Calma... — Ela passou para as lágrimas que pela deformação apenas caía de um olho. Aí prosseguiu a fala. — Ainda dói a cabeça?

— Não, seu idiota, dói o coração. Não preciso pensar para amar. Eu ainda sinto o teu amor.

— E vais continuar a amar, tal como eu...

— Se vou continuar a amar por que sinto a luz a se apagar, a minha voz indo e os meus sentimentos querendo se despedir e despencar?

— A vida é assim, amor. Não temos o controlo de tudo. Podemos tentar controlar o tempo, mas ainda assim passará, não seríamos indestrutíveis e muito menos imortais. Somos todos passageiros desse comboio sem um freio.

— Amor... — disse ela em voz baixa e em tom de últimos suspiros.

— Sim, amor...

— Para sempre, idiota?

— Sim, minha tola. Para sempre.

Tentei aceitar que amores veem e amores vão, mas eu pertencia apenas a uma ilha. Em nenhum planeta encontraria novamente ela, a minha alma gêmea. Lá se ia o tempo, que a melhor parte da minha vida era viver na dela. Minutos depois ela se ia, e metade de mim também... Eu estava sentindo a cabeça dormente, como se estivesse a inundar. Os doutores vieram, imediatamente disseram, *perdemos os dois...* Havia uma hemorragia interna na minha cabeça, que havia afetado o sistema nervoso e a sua coordenação. Então não vendo razão para viver, nem recomeçar, e tanto sofrimento era perda de tempo, preferi permitir que o último inimigo, a morte, também levasse-me.

E realmente, amores veem e amores vão, mas nem sempre teremos algo disposto para se tornar a nossa ilha, nosso refúgio, nosso conforto e nosso amparo. Sempre será assim, quem amamos será a nossa criptonita ou fraca melanina.

Capítulo 13

Fim da narração, fim da novela

Fim da narração do Clávio, o meu cunhado. Sou a Heloísa, a irmã mais nova da Lume. Após perdermos os dois, no dia 28 de julho de 2022, ficamos muito abalados com tais perdas. Em relação aos gastos do hospital, saímos sem a necessidade de pagar nada, pois descobrimos que a clínica Juliana pertencia ao pai de uma aluna, da escola onde o Clávio trabalhava, isso mesmo, era o pai da Célia. O pai dela era o dono de uma rede de negócios que pela motivação de ter perdido a mulher, Juliana, mãe da Célia, por um cancro, decidiu criar a clínica Juliana para combater caso do género.

Ele quando ouvia a história que havia acontecido no hospital entre a Lume e o Clávio, decidiu ordenar a absorção das dívidas e não mexerem no corpo de Clávio, sim, no momento que o Clávio saiu para conversar com os especialistas lá na sala de espera antes da operação, ele havia assinado um termo que autorizava a doação de todos os seus órgãos possíveis para a clínica, em troca fariam todos possíveis para salvar a sua amada.

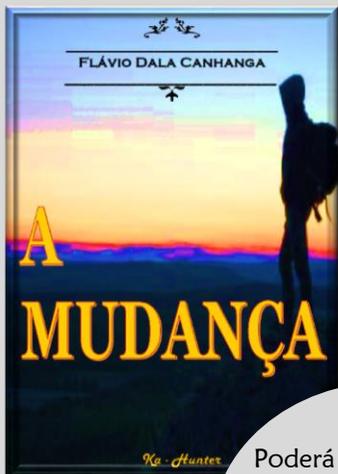
Mas nem o maior dos sacrifícios da sua vida foi possível para salvar a Lume. E assim, essa é uma estória onde os protagonistas morrem no final e não vivem felizes para sempre vivendo, mas morrendo.

Fim daquela estória

“(...) somos nós quem mantemos as obras vivas (...)”

— Anderson Pena Jorge

OUTRAS OBRAS DO AUTOR



Poderá obter as obras disponíveis por entrar em contacto com o autor por meio dos seus endereços electrónicos no início da obra.



SOBRE O AUTOR

Flávio Dala Canhanga, pseudônimo Ka-hunter, é um estudante de sociologia residente na província de Luanda. Descobriu a sua habilidade de escrita em 2015 numa prova de Língua Portuguesa em que era necessário criar um texto narrativo. Começou a explorar mais essa habilidade criando textos diferenciados, porém inacabados.

Mas o seu interesse pela arte de escrever foi atiçado ainda mais após ter lido o livro de Augusto Cury com o título *O Futuro da Humanidade*. Após isso, não parou mais, lançou de forma independente e-books como *A Mudança – Um conto épico (2020)* e *Uma tentativa de Escritos Prosaicos (2021)*, obras supervalorizadas pelo pessoal lido até hoje.

Actualmente está terminando de escrever um artigo científico intitulado *A fraude – o caso da cábula e do plágio como crimes académicos nas instituições de ensino superior* e ao lado da Editora Sol Digital lançará o ebook *Textos debruçados*.

Preferencialmente gosta de ser visto como um aspirante na arte da escrita. Tudo o inspira, até toques suaves de ventania. Porém, sabe que as pessoas não lêem biografias, mas achou que valia a pena tentar.

Ka-hunter

